

Outros afetos, outros desejos: por uma antropologia das pulsões na Amazônia

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161075>

Diego Madi Dias

🏠 Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
✉ diegomadias@gmail.com

ORCID

<https://orcid.org/0000-0002-2459-6529>

BELAUNDE, L. E.
Sexualidades amazônicas.
Gênero, desejos y
***alteridades.* Lima: La**
Siniestra, 2018. 216 pp.

Devemos comemorar duplamente a publicação de *Sexualidades amazônicas*, coletânea de artigos assinados nos últimos quinze anos por Luisa Elvira Belaunde. Em primeiro lugar, porque o livro propõe abordar as dimensões de “gênero” e “desejo”, até aqui

pouco ou mal trabalhadas pela etnologia das terras baixas sul-americanas. Mas sobretudo, porque a compreensão etnográfica da autora, densamente construída ao longo de muitos anos de dedicação ao estudo dos povos amazônicos, permite situar a discussão sobre sexualidade em termos propriamente ameríndios, isto é, em função de uma economia regional, de ordem simbólica e moral, que envolve alteridade e intimidade.

Gostaria de ressaltar inicialmente a contribuição de Belaunde para a renovação de uma agenda americanista de investigação etnológica. Não é por acaso que a autora propõe estudar o “pensamento” e a “prática” dos povos amazônicos, afinal, seus trabalhos anteriores permitem entender o próprio pensamento como uma prática na Amazônia. Como mostrou Joanna Overing (1986) para os Piaroa, os filhos e os produtos do trabalho de uma pessoa são seus “pensamentos”. O fato é que diferentes povos indígenas no continente sustentam uma ética e uma estética do cotidiano que estão atravessadas pela noção de “fazer pensando em alguém” (Gow, 1991; Surrallés, 2003). Nesse sentido, o “pensamento” passa a ser visto como um ato relacional, isto é, uma atividade que se empreende no contexto de uma relação.

A ênfase relacional de Belaunde justifica-se pela afirmação, recorrente na Amazônia, de que “o coração pensa” (no outro). Sua contribuição maior reside, então, na possibilidade de uma antropologia spinozista das terras baixas da

América do Sul,¹ cuja abordagem das dimensões intelectuais e afetivas, lógicas e expressivas, da mente e do corpo, possa revelar o caráter integrado desses aspectos na pragmática das relações ameríndias. No que se refere à tradição propriamente antropológica, a proposta de Belaunde pode ser lida na continuidade das preocupações seminais de Gregory Bateson (1936) em torno dos conceitos de *eidós* e *ethos* (respectivamente, atividade intelectual e vida afetiva). Devemos a Bateson o estatuto teórico em antropologia da noção de “relação”, central nas formulações de Marilyn Strathern (2001) sobre as “same-sex and cross-sex relations”, trabalhadas por Belaunde para o material amazônico no sentido de “reprodução paralela” e “reprodução cruzada”. Somando-se ao paradigma ameríndio da construção do corpo e da pessoa (cf. Overing, 1977; Seeger *et al.*, 1979; Viveiros de Castro, 1979), a visão influente de Strathern encontraria terreno fértil na Amazônia no diálogo com trabalhos pioneiros de Luisa Elvira Belaunde (1992, 1994, 2001, 2005), mas também Cecília McCallum (1989, 1999, 2001) e Vanessa Lea (1994, 1999), pesquisadoras que realizaram uma parte da sua formação na Inglaterra e que, de diferentes maneiras, abriram as portas para uma discussão conceitual sobre gênero na etnologia que se faz no Brasil. Essas autoras acabaram por possibilitar caminhos alternativos de análise em relação à continuidade franco-brasileira do estruturalismo, cuja ênfase recai, desde Lévi-Strauss, nas dinâmicas de socialidade pública, adulta e masculina, com o privilégio dos temas da caça, da guerra e do xamanismo.²

É no contexto dessa disputa nos espaços acadêmicos pelo reconhecimento da perspectiva das mulheres sobre o *socius* que devemos ler *Sexualidades amazônicas* e todo o trabalho de Luisa Elvira Belaunde. Sua trajetória acadêmica diversificada e o envolvimento de longo termo com a Amazônia permitem que a autora elabore suas questões muitas vezes a partir das mulheres mas para atingir sentidos maiores, empreendendo, a partir da etnologia, reflexões no campo da ética, estética, estudos de gênero, saúde e sexualidade. O argumento do livro está sintetizado pela referência ao filósofo Maurice Merleau-Ponty, indicando uma perspectiva fenomenológica sobre a sexualidade que, devidamente adaptada ao universo ameríndio, pode ser explicada pela seguinte afirmação de McCallum (2013: 53): “gênero e sexualidade fazem parte dos modos de conceber e constituir as relações sociais com seres marcados pela alteridade”. Afastando-se de um paradigma ocidental sobre a sexualidade, classicamente descrita por Michel Foucault como instauradora de uma “relação consigo mesmo”, o desejo sexual é pensado por Belaunde como “desejo de história”, isto é, de transformação: “desejo de outro e do outro”. Essa é uma observação importante que ajuda a caracterizar as sexualidades amazônicas para além dos códigos de comportamento sexual ou genital, isto é, para além de uma tipificação do desejo, mas a partir da experiência do corpo como lugar de conexão com a alteridade e consti-

1 No campo da etnologia americanista, o projeto de uma antropologia que leve em consideração os estados de ânimo deve bastante ao estilo de análise inaugurado por Joanna Overing, quem primeiro evocou as “condições afetivas para a socialidade amazônica” (Overing & Passes, 2000: 17). Perguntamos, então, com Peter Gow (2000: 46): “now that we are able to talk of love and of hate (...), what other emotional states can we talk about?”. Os trabalhos de Alexandre Surrallés (1998, 2003) entre os Candoshi permitem vislumbrar, nesse sentido, uma teoria amazônica das emoções como dispositivos de relação envolvendo ação e pensamento. Conforme observou Overing (1999: 92) para os Piaroa: “ação, pensamento e afeto são mutuamente constitutivos”. Mais recentemente, os trabalhos de Olivier Allard (2003, 2010, 2016) exploram essas mesmas questões em torno das emoções e relacionalidade entre os Warao do Orinoco Delta (Venezuela).

2 O interesse pela socialidade pública, adulta e masculina tem uma longa tradição na etnologia americanista. Faz 80 anos que Lévi-Strauss (1936: 283) escreveu assim sobre os Bororo: “Le village entier partit le lendemain dans une trentaine de pirogues, nous laissant seuls avec les femmes et les enfants dans les maisons abandonnées”. Mais recentemente, E. Viveiros de Castro (1993: 202, nota 20) se referiu à suposta “dominância simbólica masculina” como consequência da “predação ontológica englobante”. P. Descola (2001: 91) chegou a afirmar que “gênero não é uma categoria saliente nas sociedades sul-americanas”, privilegiando também uma abordagem dumontiana em torno dos englobamentos hierárquicos. De acordo com essa perspectiva, a “diferença de gênero” é englobada por relações do tipo afim/consanguíneo.

tuição intersubjetiva. Se, para Foucault, o sexo teria se transformado em “saber” na modernidade, as sexualidades amazônicas — entendidas como conjuntos de pensamentos e práticas sobre o sexo na Amazônia — estão implicadas em processos de “fazer” corpos e pessoas, processos controlados em determinados períodos da vida por meio de resguardos envolvendo o uso de plantas, dietas especiais, momentos de reclusão e abstinência sexual. A interdição amazônica teria a função de “resguardo” dos canais de contato entre a pessoa e o mundo porque o sexo é fundamentalmente uma abertura ao outro.

A estrutura do livro oferece uma boa visão de como o pensamento da autora sobre as sexualidades amazônicas foi sendo construído como desdobramento de questões acumuladas ao longo de sua trajetória de pesquisa. A introdução, intitulada “Cruzados y paralelos”, apareceu anteriormente na abertura do livro *El recuerdo de luna. Género y sangre entre los pueblos amazónicos* (2005). Belaunde apresenta aqui uma revisão do paradigma ameríndio da construção do corpo e da pessoa à luz da problemática de gênero, sustentando então que o sangue é o principal veículo de produção de semelhança e diferença ao longo do ciclo de vida de uma pessoa. Argumenta que o sangue derramado tem efeito correspondente ao das plantas psicoativas, propondo que o xamanismo amazônico seja corretamente caracterizado como um complexo xamânico-reprodutivo que passa a incluir a agência feminina e a perspectiva das mulheres nas dinâmicas locais de relação com as formas de alteridade. O sangue derramado é um operador de visibilidade que relaciona predação e sedução, abrindo perigosamente a comunicação com outros seres.

O primeiro capítulo, “El estudio de la sexualidad en la antropología amazónica”, foi publicado em 2015 na ocasião em que a autora organizou com Els Lagrou e Marina Vanzolini o seminário *Foucault na Amazônia? Sexualidades indígenas*, ocorrido no PPGAS, Museu Nacional. Belaunde oferece aqui um panorama da produção etnológica sobre a sexualidade e conclui com uma reflexão importante sobre o aparecimento da “homossexualidade” como categoria que passa a designar um tipo social no contexto das populações amazônicas. Os movimentos homossexuais indígenas, mais organizados na América do Norte e ainda incipientes na Amazônia, afirmam muitas vezes que a colonização do “novo mundo” teria silenciado formas indígenas de homossexualidade. Particularmente, penso que essa posição ignora o fato de que a homossexualidade é uma categoria médica que surgiu em 1870 para designar um tipo de desejo definidor da subjetividade. Essa posição ignora, então, o fato de que a homossexualidade é histórica, mas também o fato de que ela se baseia no pressuposto do desejo como definindo um tipo de sujeito. Na Amazônia que lemos nas páginas de Belaunde, a sexualidade não constitui uma esfera independente de produção subjetiva que esteja estruturada na tipificação do desejo. Em outras palavras,

no que se refere às sexualidades amazônicas, não se trata de si, mas do outro: não é o que o sujeito deseja, mas o que oferece prazer à pessoa. Assim podemos entender as sexualidades amazônicas como acontecimentos (muitas vezes oníricos ou espirituais), mais do que disposições sexuais que correspondem a uma tipologia anterior à experiência. A palavra “homossexual” parece assim não servir para explicar a diversidade das sexualidades anteriores à colonização, na medida em que descaracteriza essas sexualidades como práticas corporais inscritas em dinâmicas relacionais singulares e variadas. Nesse sentido, a reflexão de Belaunde nos ajuda a recolocar o problema, de modo a compreender, ao contrário, a projeção da categoria “homossexual” como efeito de uma colonização contemporânea dos imaginários e práticas locais sobre gênero e sexualidade³.

O segundo capítulo, “Resguardo y sexualidades: una antropología simétrica de las sexualidades amazónicas en transformación”, foi também publicado em 2015 no contexto do seminário sobre as sexualidades indígenas. Aqui, Belaunde defende uma abordagem fundada na associação pan amazônica entre práticas rituais de dieta e o manejo dos fluidos do corpo. O estudo está acompanhado de pinturas recentes de artistas amazônicos que exprimem visões da sexualidade a partir de seus efeitos sociocosmológicos e processos históricos que são próprios à região.

O capítulo 3, “Fuerza de pensamiento, hedor de sangre: hematología amazónica y género”, apareceu primeiro em 2006 com o objetivo de desvendar o significado do sangue nas cosmologias amazônicas. Partindo dos estudos de Overing sobre as concepções piaroa relativas à menstruação, Belaunde explora comparativamente as ideias de diversos povos amazônicos sobre o manejo de sangue como prerrogativa feminina: memória incorporada nas mulheres do incesto primordial envolvendo Lua, figura masculina e grande *trickster* na Amazônia, e sua irmã. No capítulo seguinte, “Yo solta hacienda fuerza: historias de parto entre los Yine (Piro) de la Amazonía peruana”, publicado originalmente em 2003, a autora aborda também os processos fisiológicos femininos para caracterizá-los em termos indígenas. Nesse sentido, o parto surge como momento de produzir pessoas por meio do esforço físico e o suor do parto é a substância corporal constitutiva do parentesco. O parto é analisado por Belaunde como equivalente feminino da morte simbólica que experimentam os especialistas rituais masculinos no contexto do xamanismo. Entre os Yine na Amazônia, mas também em outros povos ameríndios, considera-se que a mulher que dá à luz de maneira autossuficiente atravessa um processo de amadurecimento pessoal, muitas vezes descrito como um combate transcendente ou uma guerra espiritual com figuras da alteridade perigosa. A terapia do parto difícil entre os Guna no Panamá, analisada por Lévi-Strauss (1949) e Severi (2002), mostra que a ideia do parto como um combate metafísico está mesmo espalhada entre os indígenas

3 Sobre gênero e sexualidade em contexto de intrusão da episteme colonial, recomendo as reflexões refinadas de Rita Laura Segato (2011, 2014).

da América Tropical, para além da Amazônia. A perspectiva de Belaunde sobre o parto é interessante porque restabelece a condição de agência das mulheres, cuja capacidade reprodutiva é pensada pela autora como conhecimento tradicional que se transmite em linha paralela de gênero, atualização do parentesco vivido entre mãe e filha por meio de conselhos e outras práticas envolvendo uma pedagogia nativa sobre o corpo e seus processos.

No último capítulo do livro, “Deseos encontrados: escuelas, profesionales y plantas en la Amazonía peruana”, Belaunde trabalha com o conceito de “desejo” de maneira ampla, de modo a incluir as expectativas indígenas de profissionalização como parte de uma economia das pulsões na Amazônia contemporânea. O “desejo de profissionalização” parece mesmo uma fórmula para explicar a história recente das cidades amazônicas, regiões em que, desde a chegada do caucho, o “desenvolvimento” sempre se produziu com base em uma exploração também sexual da população local. A perspectiva mantida pela autora me parece fundamental no sentido de contribuir com dados amazônicos para desnaturalizar a noção de “desejo”, forjada historicamente pela psicanálise como correspondendo a um tipo supostamente particular de pulsão, a libido, como se o desejo sexual fosse mesmo, em qualquer tempo e em qualquer lugar, alguma coisa que se possa separar completamente de outros desejos, constituindo um elemento inteiro da subjetividade. Como se o sexo fosse sempre a realização de um desejo que antecede a prática sexual. A ideia psicanalítica de que as pessoas apresentam um desejo que motiva a atividade sexual parece ainda largamente aceita no senso comum e nos círculos acadêmicos. Foucault mostrou que o conceito de “desejo” ou “libido” é justamente o que permite traçar uma continuidade entre os pensamentos de Freud e Santo Agostinho. Esses autores, em diferentes épocas e com propósitos diversos, teriam promovido uma “libidinização do sexo” (Foucault 2018), isto é, inscreveram a prática sexual em um regime de desejos que se complementam. Mas a crítica mais interessante ao conceito de desejo talvez venha de John H. Gagnon, teórico dos “roteiros sexuais” (“*sexual scripts*”) que, em seu livro *An Interpretation of Desire* (2004), defende uma tese radicalmente construcionista. Para Gagnon, a conduta sexual responde ao aprendizado de sentidos sociais envolvendo estados físicos e de consciência, incluindo aspectos cuja natureza não é propriamente sexual. Pensando com Belaunde, trata-se então de uma concepção “encontrada” do desejo, em que o evento sexual surge como agenciando sentidos múltiplos que se encontram. A convergência entre desejo sexual e “outros desejos” tem sido brilhantemente trabalhada pela antropologia brasileira em contexto não indígena, desde Néstor Perlongher até os trabalhos mais recentes de Adriana Piscitelli.

Quero terminar a presente apreciação de *Sexualidades Amazônicas* chamando atenção para a dimensão programática que o livro permite estabelecer em um

momento de aparecimento de novos trabalhos sobre a vida sexual na América indígena. Os problemas colocados por Belaunde permitem classificar os estudos sobre as sexualidades indígenas com base em uma disjuntiva fundamental quanto aos usos e abusos transculturais da noção de “desejo”. Os estudos sobre as sexualidades indígenas podem então se distinguir, por um lado, entre aqueles que buscam definições a partir do ato sexual (e se perguntam: como os índios estão realizando seus desejos?), e, por outro lado, aqueles que se dedicam a compreender a vida sexual como um regime de relações que ultrapassa os limites de um único ato (e se perguntam: o que está acontecendo em torno do sexo?). No caso daqueles trabalhos interessados especificamente pela prática sexual dos índios, penso que eles terão dificuldades para obter dados consistentes. Mesmo se existe uma referência recorrente e incontornável aos temas da sexualidade na mitologia, nos rituais e no humor cotidiano ameríndio, não há entre esses povos dispositivos de produção de um discurso individualizado sobre a prática sexual da própria pessoa, como é o caso da confissão cristã e da psicanálise no Ocidente. Penso que esses trabalhos representariam antes de tudo uma transposição da nossa “vontade de saber”, triunfo da nossa moral que exige respostas do sexo (Foucault 1976). No caso dos estudos privilegiando a vida sexual integrada com o tecido social, essas pesquisas não estariam fazendo perguntas estrangeiras, mas atentas ao modo como as pessoas estão mostrando o seu mundo. O verbo “mostrar” é aqui particularmente importante⁴, no sentido de conceber a vida sexual como parte da vida expressiva (e libertar o sexo dos porões da “vida psíquica”). Em vez de fazer uma pergunta - “qual é o seu desejo?” -, olhar para como as pessoas estão vivendo seus prazeres permitirá que a antropologia capture o mais importante do que elas têm a mostrar sobre o seu mundo. Permitirá, enfim, que a antropologia valha a pena.

⁴ Entre os Guna no Panamá, o verbo “mostrar” (*oyoged*) é utilizado em diferentes situações para exprimir o estilo da pessoa nas relações, como essa pessoa “pensa por dentro” (incluindo aqui sua identificação de gênero). Cf. Madi Dias (2017, 2018a, 2018b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLARD, Olivier

2003 *Emotions and Relations: A Point of View on Amazonian Kinship*. MPhil thesis, University of Cambridge.

2010 *Morality and Emotion in the Dynamics of an Amerindian Society (Warao, Orinoco Delta, Venezuela)*. PhD dissertation, University of Cambridge.

2016 “Anthropology of Emotion”. In: JACKSON, J. (ed). *Oxford Bibliographies in Anthropology*. Nova York, Oxford University Press [online].

BATESON, Gregory

- 1936 *Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View*. Cambridge, Cambridge University Press.

BELAUNDE, Luisa Elvira

- 1992 *Commensality, Gender and Community amongst the Airo-Pai of the Peruvian Amazonia (Secoya)*. Londres, London School Of Economics.
- 1994 "Parrots and Oropendolas: The Aesthetics of Gender Relations among the Airo-Pai of the Peruvian Amazon". *Journal de la Société des Américanistes*, v. 80: 95-111.
- 2001 *Vivendo Bien: Género y Fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonia Peruana*. Lima, CAAAP.
- 2005 *El Recuerdo de Luna: género, sangre y memoria entre los pueblos amazónicos*. Lima, Universidad Mayor Nacional de San Marcos.

DESCOLA, Phillipe

- 2001 "The Genres of Gender: Local Models and Global Paradigms in the Comparison of Amazonia and Melanesia". In: GREGOR, T. & TUZIN, D. (eds). *Gender in Amazonia and Melanesia: An Exploration of the Comparative Method*. Berkeley, University of California Press, pp. 91-114.

FOUCAULT, Michel

- 1976 *Histoire de la sexualité, tome I: La Volonté de savoir*. Paris, Gallimard.
- 2018 *Histoire de la sexualité, tome IV: Les Aveux de la chair*. Paris, Gallimard.

GAGNON, John

- 2004 *An Interpretation of Desire: Essays in the Study of Sexuality*. Chicago, University of Chicago Press.

GOW, Peter

- 1991 *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford, Clarendon Press.
- 2000 "Helpless: the affective preconditions of Piro social life". In: Overing, J. & Passes, A. (eds.). *The Anthropology of Love and Anger: the Aesthetics of Conviviality in Native Amazonia*. London, Routledge, pp. 46-63.

LEA, Vanessa

- 1994 "Gênero feminino mebengokre (kayapó): desvelando representações desgastadas". *Cadernos Pagu*, n.3: 85-116.

1999 “Desnaturalizando gênero na sociedade Meben-
gokre”. *Revista Estudos Feministas*, v. 7 (1-2): 176-194.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1936 “Contribution à l'étude de l'organisation sociale des Indiens Bo-
roro”. *Journal de la Société des américanistes*, v. 28 (2): 269-304.

1949 “L'Efficacité symbolique”. *Revue de l'histoire des religions*, v. 135 (1): 5-27.

MADI DIAS, Diego

2017 “A aliança enquanto drama: est/ética da masculinidade no contexto de
uma economia afetiva uxori-local (Guna, Panamá)”. *Mana*, v. 23 (1): 77-108.

2018 “Entre a infância e o sonho: pedagogia Guna da autonomia
(Panamá)”. *Horizontes Antropológicos*, v. 24 (51): 315-338.

2018 “O parentesco transviado, exemplo Guna”. *Se-
xualidad, Salud, Sociedad*, n. 29: 25-51.

McCALLUM, Cecilia

1989 *Gender, Personhood and Social Organisation among the Cashi-
nahua of Western Amazonia*. Londres, University of London.

1999 “Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxi-
nauá”. *Revista Estudos Feministas*, v. 7 (1-2): 157-175.

2001 *Gender and Sociality in Amazonia: How real People are Made*. Oxford, Berg.

2013 “Nota sobre as categorias ‘gênero’ e ‘sexualidade’ e os po-
vos indígenas”. *Cadernos Pagu*, n. 41: 53-61.

OVERING, Joanna

1977 “Orientation for Paper Topics” and “Comments”: Symposium ‘Social
Time and Social Space in Lowland South American Societies’. *Actes
du XLII Congrès International des Américanistes*, v. 2, : 9-10, 387-94.

1986 “Men Control Women? The Catch-22 in Gender Analysis”. *In-
ternational Journal of Moral and Social Studies*, v. 1 (2): 135-56.

1999 “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em
uma comunidade amazônica”. *Mana*, v. 5 (1): 81-107.

OVERING, Joanna & PASSES, Alan

2000 *The Anthropology of Love and Anger: The Aesthetics of Con-
viviality in Native Amazonia*. Londres, Routledge.

SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

- 1979 “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32: 2-19.

SEGATO, Rita

- 2011 “Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial”. In: QUIJANO, A. & NAVARRETE, J. (orgs). *La cuestión descolonial*. Lima, Universidad Ricardo Palma.
- 2014 “La norma y el sexo: frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad”. In: BELAUSTEGUIGOITIA, M. & SALDAÑA, J. (orgs). *Des/posesión: género, territorio y luchas por la naturaleza*. México, DF, PUEG-UNAM.

SEVERI, Carlo

- 2002 “Memory, Reflexivity and Belief. Reflections on the ritual use of language”. *Social Anthropology*, v. 10 (1): 23-40.

STRATHERN, Marilyn

- 2001 “Same-Sex and Cross-Sex Relations: Some Internal Comparisons”. In: GREGOR, T. & TUZIN, D. (eds). *Gender in Amazonia and Melanesia: An Exploration of the Comparative Method*. Berkeley, University of California Press, pp. 221-241.

SURRALLÉS, Alexandre

- 1998 “Entre el pensar y el sentir. La antropología frente a las emociones”. *Anthropologica*, v. 16 (16): 291-304.
- 2003 *Au Coeur du sens. Perception, affectivité, action chez les Candoshi*. Paris, CNRS Éditions et Maison des sciences de l’Homme.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

- 1979 “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32: 40-49.
- 1993 “Alguns aspectos da afinidade no dravidiano amazônico”. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. & CARNEIRO DA CUNHA, M. (orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo, NHII/USP-FAPESP, pp. 149-210.